



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ESTIGMA E CONFLITOS EMOCIONAIS PRESENTE EM MULHERES COM HIV

Adilma da Cunha Cavalcanti¹ – *Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) -*
adilmacavalcanti@yahoo.com.br

Miriam Maria Mota Silva¹ – *Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) -*
miriammary2011@gmail.com

Renato Cristiano Lima Barreto² – *Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) -*
limabarretoufcg@hotmail.com

RESUMO

O vírus da Imunodeficiência humana (HIV) é uma infecção principalmente sexualmente transmissível marcada pelo estigma, caracterizada em âmbito mundial por suas marcas de promiscuidade e morte que representava e representa desde sua descoberta, logo atingindo variados grupos de mulheres dando início a diversos tipos de sentimentos relacionados ao estigma. Assim é necessário que todos os profissionais da área da saúde conheçam as influências da doença em questões biopsicossocial, como também é necessário ampliar as pesquisas brasileiras sobre a temática. Sendo que, o presente artigo consiste em uma revisão sistemática da literatura realizada através do site da BVS, que possui como base artigos científicos presentes em dados de confiança como: SCIELO e LILACS, sendo utilizados 9 materiais na íntegra que abrange o tema. Desta forma, conclui-se que é preciso uma abordagem sociocultural que inclua temáticas para a compreensão do estigma atribuído as mulheres portadoras do HIV, para que os profissionais de saúde possam adquirir conhecimentos e realizar uma assistência efetiva.

Palavras-Chaves: Vírus da Imunodeficiência Humana, Mulheres, Estigma.

¹ Graduandas em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus de Cuité - PB.

² Professor orientador, sociólogo, especialista em Educação de Jovens e Adultos pela UFCG, Campus de Cuité – PB.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

1. INTRODUÇÃO

A sociedade passa por diversificados processos de saúde e doença, que se modifica de acordo com o contexto histórico, como também cada patologia que surge apresenta um impacto tanto em proporção biológica quanto social, ou seja, a doença não é somente observada em seu âmbito fisiopatológico, mas também será constituída de outros significados para os variados grupos sociais que relacionam uma determinada enfermidade a julgamentos morais com características positivas ou negativas, que é a mais comum, portanto quando uma doença específica é avaliada como pejorativas o portador dela poderá ser reprimido e excluído socialmente (GONÇALVES; BANDEIRA e GARRAFA, 2011).

Interligamos que o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) não envolve apenas o ser humano em seus aspectos biológicos, mas também, atinge a esfera coletiva, logo a descoberta levou a população a gerar juízos morais depreciativos aos infectados, pois os principais eram homossexuais, usuários de drogas injetáveis e prostitutas, ou seja, grupos que se encontram a margem da sociedade. Também, o mesmo rapidamente tornou-se uma pandemia de nível global, sendo descrito como: incurável, contagioso, indicador de promiscuidade e morte (MEDEIROS, 2007); assim surge o estigma para os portadores desta infecção.

Sendo que, o termo estigma foi criado pelos gregos com significados que expressam o sentido de mal, pejorativo e depreciativo, desta forma quem transporta tais marcas será visto como, um indivíduo poluído e que deve ser evitado socialmente, por seguinte remetendo aos dias atuais a terminologia não sofre mudanças (GOFFMAN, 2004), principalmente para as mais variadas questões presentes no HIV. Além do mais, Erving Goffman retrata que existem três tipos de estigma os:

Das abominações do corpo – que se equipara a alguma deficiência corporal, as culpas de caráter individual – comparado á vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas e desonestidade, e este tipo de estigma é concluído através de exemplos, de homossexualismo, deficientes mentais, situação de prisão, alcoolismo e por fim, os



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

estigmas tribais de raça, nação e religião. Todos estes tipos de estigmas faz com que ocorra um impedimento para o estigmatizado a manter um vínculo com os demais, pois, suas “marcas” fazem com que os denominados “normais” afastem-se dele (GOFFMAN, 2004, P. 07).

Desta forma, é importante especificar o efeito do estigma em mulheres portadoras de HIV, como isso repercute na vida emocional delas, visto que o mesmo remete aos conceitos de desvio da sexualidade e impurezas. Logo, há conflitos emocionais presentes nas mulheres infectadas que estão relacionados às diferenças de gêneros e de comportamentos que são condenados moralmente pela sociedade, contudo algumas conseguem desenvolver estratégias de enfrentamento para amenizar os aspectos biopsicossociais (FEREIRRA; FIGUEIREDO; SOUZA, 2011).

Em vista disso os profissionais da área da saúde podem trazer uma nova perspectiva de vida para as portadoras. Portanto, os profissionais da Enfermagem que estão em contato direto com as usuárias precisam desenvolver cuidados usando métodos de acolhimento, visto que os mesmos não estão preparados para lidar com as diversas situações emocionais que elas apresentam.

O presente artigo tem como objetivo contribuir para o entendimento do estigma em mulheres portadoras de HIV, como também seus sentimentos e conflitos existentes por portar a doença. E assim facilitar um embasamento teórico efetivo para todos os profissionais da saúde e dentre este o enfermeiro que se encontra em todos os níveis da assistência, logo, produzindo uma melhor assistência a estas em seus aspectos biopsicossociais. Mas também, possui a intenção de ampliar e progredir os estudos sobre a temática, pois este tipo de tema nas produções científicas brasileiras encontra-se em números ainda não significativos.

2. METODOLOGIA

O respectivo estudo trata-se de uma pesquisa descritiva fundamentada em uma revisão sistemática da literatura, através de uma coleta de dados feitas em livros que tratam da temática e no site da BVS que contém periódicos indexados a base de dados de confiança como: Scielo e



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

LILACS, para a seleção de alguns artigos foram utilizados os seguintes descritores: Vírus da Imunodeficiência Humana, Mulheres e Estigma. Assim escolhendo 30 materiais, contudo apenas 9 continham conteúdos suficientes e relevantes para a construção do artigo, também os mesmos encontram-se na íntegra em língua portuguesa e espanhola entre os anos de 2010 á 2014. Por fim o presente artigo foi estruturado em quatro seções: a primeira introdução, a segunda os detalhes dos procedimentos metodológicos utilizados, a terceira foram apresentados os resultados e análise dos materiais estudados e na última parte considerações finais seguidas das referências.

3. RESULTADOS E DISCURSÃO

A análise das bibliografias consultadas possibilitou a identificação de um perfil de mulheres em idade reprodutiva portadoras de HIV, como também do estigma existente que conseqüentemente é um propulsor a conflitos emocionais como culpa, vergonha e medo os principais sentimentos abordados pelas literaturas. Sendo que, estas construções estão relacionadas desde a descoberta do Vírus da Imunodeficiência Humana que é a forma assintomática da doença, ou seja, quando não há sinais e sintomas da mesma, contudo o mesmo é responsável pelo o desenvolvimento da forma sintomática que é conhecida como AIDS que se originou no ano de 1981, logo a mesma rapidamente ficou tarjada pela a população como: diabólica e perigosa decorrente do desconhecimento da nova doença pelas autoridades médicas e científicas durante a época (MEDEIROS, 2007). Mas também, outras comparações pejorativas associadas aos infectados pela sociedade que relaciona isso aos comportamentos promíscuos, desviantes e que fogem do que é “moralmente correto”, dessa forma, é perceptível a implantação do estigma em relação ao atributo e estereótipo (GOFFMAN, 2004).

A partir dessas circunstâncias é perceptível que existe uma constante desvalorização dos portadores do HIV, isso define em aspecto simples o estigma que apresentam as mais diversificadas faces moldando-se de acordo com o contexto e os tipos de culturas onde as



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

infectadas estão inseridas, sendo utilizados para fortalecer as desigualdades sociais (ONUSIDA, 2005). E através destas elucidações realizadas corroboram para entendermos os sentimentos das mulheres, pois, temos a concepção que a respectiva infecção atinge suas portadoras em esfera biopsicossocial e que os mais diversos sentimentos que surgem têm repercussões antes e depois do diagnóstico, que acaba determinando o processo de saúde e doença, como também influenciando na mudança de seu comportamento quanto à questão do autocuidado.

E por meio da utilização das bibliografias estudadas foi possível identificar que os sentimentos desenvolvidos estão ligados às desigualdades entre os sexos perante aos comportamentos sociais e pessoais em que estas mulheres estão incluídas, pois, irão equivaler às práticas estigmatizadas em que o HIV é caracterizado (ONUSIDA, 2005). Além do mais, tais conflitos emocionais que foram observados nas mulheres sejam elas: adolescentes, grávidas, jovens, profissionais do sexo e donas de casa, assim deixando vulneráveis a outras complicações sejam elas sociais, fisiológicas e pessoais tornando a vida dessas mais difíceis, pois, o fato da não aceitação da sociedade em geral é uma ferida maior que a própria doença (TAVERA, 2010).

Dentro desta ótica é possível enxergar que estas apresentam uma grande dificuldade de lidar com os diversos julgamentos feitos pela sociedade, que causam repercussões psicológicas como: culpa, medo, vergonha, ansiedade e depressão (TAVERA, 2010). Por seguinte elas buscam amenizar os seus variados problemas através de estratégias de motivação que podem ser: religioso onde encontram no ser divino fé, força e resposta para sua infecção; suporte social e familiar sendo uma forma de fortalecer e auxiliar em um bom resultado emocional, e por fim a cumplicidade do profissional e das portadoras, pois estes lidam com as pessoas com medo, ansiedade, dúvidas e dores (GALVÃO; PALVA, 2011).

Em síntese, foi considerado que os profissionais da área da saúde são de grande valia para o enfrentamento dos conflitos emocionais que surgem nas mulheres portadoras do HIV e dentre eles o enfermeiro que foca na particularidade e singularidade de cada uma, porém isso só é



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

possível quando há um olhar humanizado. Todavia a maioria ainda não se encontra preparado para lidar com as diversidades e amenizar a discriminação, preconceito e estigma com tais, logo sendo necessário que à temática seja mais estudada por estes para uma melhor assistência (RENESTO et al, 2014).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, entende-se que o HIV é um grande problema para a saúde em âmbito mundial principalmente, por ser uma infecção que ainda não possui cura e se destaca por a diminuição da imunidade, também é responsável por causar diversos conflitos emocionais em mulheres portadoras.

Portanto, há um problema quanto ao olhar dos infectados pela sociedade, a qual é possível observar uma grande divergência entre os pacientes e o convívio social, como também, entre o paciente e o profissional da saúde. Apesar, da grande variedade de prevenção, sabe-se que devido o não entendimento social, o medo de perder o parceiro, o não uso de métodos contraceptivos, a falta de conscientização por parte dos profissionais, e da sociedade e o estigma gerado deixam-nas mais propensas a adquirir HIV/AIDS.

Ainda mais, é possível ver que as pesquisas que abordam esta temática são escassas, porém as encontradas abordam de forma preocupante a saúde da mulher e seus sentimentos, como também apontam uma inquietude ao tratarem as dimensões éticas, saúde reprodutiva, psicológica e direitos humanos. Desta forma é preciso uma abordagem sociocultural que incluam temáticas imprescindíveis para a compreensão do HIV e do estigma atribuído à referida infecção, sendo importante dar enfoque a questão da vulnerabilidade da portadora, mas também, ao profissional de saúde para que assim possam adquirir o conhecimento sobre o caso, a fim de, promover a autoestima uma vez que os paradigmas científicos estão mais concentrados na



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

abordagem biológica, ou seja, o olhar voltado apenas para o corpo físico, sem dar conta do fenômeno psicossocial que ela representa.

Em suma, o profissional de enfermagem deve-se mover e facilitar a promoção e reabilitação destas portadoras, desenvolvendo ações que conscientizem casais, ajudando mulheres a diminuir os conflitos, acompanhando-as e preparando-as para a possível revelação do diagnóstico, e assim tentar diminuir o grande processo de estigmatização e discriminação na comunidade, a fim de, facilitar a vida de todos, logo, diminuindo o descaso que esta enfermidade causa.

REFERÊNCIAS

FAVORETO, C.A. O; FERREIRA, D.C. A análise da narrativa dos pacientes com HIV na construção da adesão terapêutica. **Rev. de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 21, p.917-936, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312011000300009>. Acessado em: 04/04/2015.

FERREIRA, R. C. M.; FIGUEIREDO, M. A. C; SOUZA, L. B. Trabalho, HIV/AIDS: Enfrentamento e dificuldades relatadas por mulheres. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v.16, n.2, p.259-267, abr/jun. 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n2/a09v16n2.pdf>>. Acessado em: 04/04/2015.

GALVAO, M. I. G; PALVA, S.S. Vivencia o enfrentamento do HIV entre mulheres infectadas pelo vírus. **Rev. Bras. Enferm**. Brasília, v.6, n.64, p.1022-7, Nov.- Dez., 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ean/v15n4/a05v15n4.pdf>>. Acessado em: 04/04/2015.

GOFFAMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1891.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

GONÇALVES, E. H.; BANDEIRA, L. M.; GARRAFA, V. Ética e desconstrução do preconceito: Doença e poluição no imaginário social sobre o HIV/AIDS. **Rev. Bioét.** [S.I.], v.1, n.19, p.159-178, 2011. Disponível em:
<http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/viewFile/613/630>. Acessado em: 04/04/2015.

MEDEIROS, R. **A proteção do direito econômico fundamental ao trabalho e a questão da AIDS no Brasil.** Campina Grande: Universidade Federal de Campina Grande, 2007.

ONUSIDA. Estigma, discriminação e violação dos direitos humanos em relação ao HIV: estudo de casos de programas bem sucedidos. Genebra, Suíça, 2005. Disponível em:
<http://whqlibdoc.who.int/unaidsportuguese/929173344X_por.pdf>. Acessado em: 05/04/2015.

RENESTO, H. M. F. et.al. Enfrentamento e percepção da mulher em relação á infecção pelo HIV. **Rev. Saúde Pública.** Recife, v.1, n.48, p.36- 42, 2014. Disponível em:
<<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=710606&indexSearch=ID>>. Acessado em: 05/04/2015.

TAVERA, Mariela. Calidad de vida relacionada a la salud em pacientes com VHI. **Rev. Peruana de Epidemiologia,** Peru, v.14, n.3, Dez. 2010. Disponível em:<http://sisbib.unmsm.edu.pe/bvrevistas/epidemiologia/v14_n3/pdf/a02v14n3.pdf>. Acessado em: 05/04/2015.